

# Notas sobre “As escolhas afetivas”: o problema do “afeto” na construção de algumas antologias virtuais de poesia contemporânea

Luciana María di Leone\*  
Celia Pedrosa\*\*

## RESUMO

O trabalho aborda, tomando por objeto uma série de blogs de antologização de poesia contemporânea – “As escolhas afetivas” –, e do levantamento de vários debates surgidos nesses foros de discussão, o problema do “afeto” como critério de escolha e organização de um campo cultural e de uma possível nova comunidade. Consideram-se as tensões que o conceito de “afeto” mantém com outros critérios estéticos ou culturais, como os de inclusão e acolhimento da diferença.

**Palavras-chave:** Poesia. Blog. Afeto. Endogamia. Comunidade.

*Pensar la hermandad, pensar en esa posible ‘comunidad que viene’, esa es, sí, no sólo ‘la tarea política de nuestra generación’; sino incluso, más allá, nuestro obligado y casi inevitable pensamiento como ‘hombres de nuestro tiempo’.*

José Luis Brea

## Introdução

Em *As regras da arte*, Pierre Bourdieu afirma, a propósito dos diferentes campos em que se organiza a cultura, que “a posição de cada sujeito no campo estará definida pelas escolhas que esse autor (ou qualquer outro agente) opera em um espaço de tomadas de posição artísticas”, tanto pelas suas semelhanças quanto pelas diferenças entre essas opções.<sup>1</sup> Estas são sempre fruto de um sistema de valores ou critérios adotado por cada artista, intelectual ou grupo que, se avaliados historicamente, se revelam não como inamovíveis, mas redefinidos por cada situação histórica e social específica.

Poderíamos rastrear estas tomadas de posição artística não apenas – inclusive nem sequer de forma privilegiada – nas obras, mas principalmente em toda uma série de para-textos que falam mais ou menos diretamente dos sujeitos que os produzem e que continuamos chamando de “autores”. Assim, cartas, entrevistas, textos críticos e formas de comportamento em relação à vida cultural e pública – entre elas, por exemplo, a participação em eventos, atitudes relativas aos grupos e instituições de pertencimento ou, inclusive, as relações interpessoais dadas entre os diferentes partícipes do campo – servem como marcas que permitem ler a posição desses artistas no campo e o critério para as suas escolhas.

Até aqui, nenhum dado novo ou estranho. Mas, como dizíamos, cada campo sim será novo e estranho se analisado de forma singular, mostrando que existem diversos prismas para definir as colocações. Parece interessante, a partir daí, olhar com mais precisão as escolhas e o critério que são

colocados em jogo no campo da poesia emergente argentina e brasileira. Intentarei, nesse sentido, algumas colocações preliminares que não pretendem esgotar o assunto, mas analisar um pequeno setor dessa basta produção que funcione como porta de entrada para a discussão, sem procurar abranger com o conceito que se colocará como eixo da argumentação – o de “afeto”, junto com alguns que dele podem ser desprendidos como os de “amizade”, “grupo” ou “endogamia” – todos os casos e todos os poetas que se enquadram nessa que tem sido chamada de poesia contemporânea, poesia atual, poesia emergente ou poesia 00. Porém, se de um lado o “afeto” não pretende ser um conceito univocamente aplicável, ele tem um peso considerável na configuração do campo, o que nos levaria a dizer que, inclusive através da recusa desse critério, todos os sujeitos que formam parte do da nova produção se posicionam em torno dessa força simbólica.

Especifiquemos nosso problema: na emergente poesia argentina e brasileira um importante número de poetas define as suas escolhas como “afetivas”, colocando em evidência um valor ou critério de agrupamento que vai operar na formação de subgrupos, na organização de coletivos de produção e nas instâncias de consagração e visibilidade, através de revistas, editoriais especializadas, oficinas, encontros. Embora o afetivo tivesse operado em inúmeros grupos poéticos ou literários nos últimos séculos, tal critério adquire hoje maior visibilidade. Podemos constatar que, sem ser um dado limitado ao grupo de poetas que produzem atualmente, nas últimas décadas o “afeto” entra de forma explícita como parâmetro de valor e elemento configurador de alguns campos culturais e artísticos, também em torno da crítica literária e do seu objeto, da historiografia literária, das genealogias de escritores, da relação que cada um deles ou a “geração” estabelece com a tradição nacional e/ou universal. No entanto, a retomada dessa idéia do afetivo de forma crítica para o trabalho artístico pode ser testemunhada não apenas pela aparição revigorada da arte relacional, o auge das comunidades na internet, as redes de produção artística, mas também a focalização do conceito nas áreas da filosofia e da crítica, sendo que ele, principalmente em relação à amizade, é interessante para pensar as relações comunitárias e as suas formas possíveis no contemporâneo. Nesse sentido, particularmente em América Latina, se faz patente a aparição de traduções junto com leituras recentes de textos de filósofos como Georges Bataille, Maurice Blanchot, Jaques Derrida ou Jean-Luc Nancy, entre outros, que mergulham no assunto.<sup>2</sup>

Mas a importância que parece adquirir o conceito também acarreta desconfortos e debates pois, certamente, a definição explícita da “escolha afetiva” ou da “afinidade eletiva” como elemento que determina a articulação do campo se constitui em um problema; principalmente, se for comparado com organizações e antologizações feitas através de outros critérios, como os de originalidade, experimentação ou os mais convencionalmente estéticos. Mas também é problemática se abordada desde critérios levantados pelos estudos culturais, centrados nas premissas de acolhimento do outro, deshierarquização, integração e diversidade. Portanto, se o critério mostrado é o “afeto”, deveríamos tentar ler as sutilezas, limites e paradoxos, além das forças que coloca em jogo, ao entrar na construção de antologias, coleções, publicações coletivas e na trama de citações na hora em que os poetas figuram as suas obras, seus grupos e seus mecanismos de visibilidade e consagração.

## **1 A virtualidade do campo: surgimento e evolução de dois blogs**

O que poderíamos chamar de “atual poesia brasileira ou argentina” – como todo processo – está sendo construído e vários são os suportes nos quais se desenvolve. Novas publicações, revistas em papel ou virtuais, jornais, blogs pessoais, blogs coletivos, sites da internet, coleções de livros em editoras

especializadas, livros independentes e, por que não, os textos sobre os textos, isto é, a repercussão na crítica jornalística, especializada e até acadêmica que tem essa poesia emergente como objeto.

Os lugares ou espaços que tomaremos aqui como nosso recorte são um exemplo paradigmático da complexidade da emergência da poesia em novos suportes e, principalmente, da problemática da questão do “afeto” na configuração do campo e na escrita de poesia. A partir de junho de 2006, e continuando até hoje, se viu surgir, na internet, diferentes “Curadorias autogestionadas de Poetas” primeiro de países latino-americanos e depois incorporando também europeus, sob os significativos nomes de “Las elecciones afectivas/las afinidades electivas” – no caso da Argentina e, depois, da maioria dos países hispanofalantes –, e “As escolhas afectivas” no caso do Brasil.<sup>3</sup> Ainda, dessa imensa produção virtual, que se junta à feita em papel, outro recorte deve ser feito: tomar os blogs da Argentina e do Brasil – o primeiro criado em junho, e o segundo em agosto de 2006 – deixam colocar uma série de questões e perguntas que permitiriam abordar o campo através dos seus cruzamentos, e não apenas pela amostra de algum, ou alguns, poetas em particular.

“Las elecciones afectivas/las afinidades electivas” e “As escolhas afectivas” são antologias virtuais de poesia contemporânea definidas, apenas em primeira instância, a partir do adjetivo gentílico e, portanto, nos marcos das literaturas nacionais. São “Curadoria autogestionada de poesia...” de algum país, seja argentina, brasileira, chilena ou a que for. Mas, antes de continuar, será preciso fazer uma pequena descrição da idéia que guia a construção dessas antologias. Segundo relata em diversas entrevistas, em junho de 2006, o poeta argentino Alejandro Méndez<sup>4</sup> cogita a idéia de criar um espaço onde os poetas contemporâneos, vivos, e que estivessem produzindo, tivessem um lugar de visibilidade e reunião. O blog resultante consiste em uma extensa lista de nomes – neste caso argentino, umas quatrocentas entradas; no brasileiro, umas duzentas; é um pouco menor a lista dos outros países, embora em todos vá sendo permanentemente ampliada. Clicando a entrada de cada nome próprio, esta vai se organizar da seguinte forma: na maioria dos casos, aparece uma foto do autor, depois uma pequena amostra dos seus textos escolhida por ele mesmo – nunca são mais de cinco poemas –, uma mini-biografia e uma “poética” onde, em poucas linhas, o autor descreve o que define como a sua forma de escrever.<sup>5</sup> A amostra de poesias de cada um não pretende dar uma idéia acabada nem representativa de toda a sua produção, senão apenas apresentar o escritor em sociedade, dado que muitos deles têm apenas um livro publicado e outros nem sequer isso. Entretanto, não são apenas nomes de poetas emergentes, também aparecem ali alguns dos que poderíamos chamar de poetas vivos consagrados. Na Argentina, e só para dar alguns exemplos, aparecem os nomes de Hugo Padeletti e os editores do tradicional *Diario de Poesía*; e, no Brasil, os conhecidos Armando Freitas Filho, Glauco Mattoso e Régis Bonvicino, entre outros.

## 2 Crise e anti-crise: o debate sobre a poesia brasileira hoje

Nos blogs, além das entradas de cada poeta e dos comentários dos leitores deixados em cada uma delas, existe um espaço para os debates que ao longo do tempo foram se ocupando de diferentes temas sugeridos pelos curadores: os “foros de discussão”. Este espaço, criado especialmente para a troca, interessa fundamentalmente porque faz ingressar as forças que se jogam no campo de forma mais explícita, embora nem sempre na direção esperada. O primeiro tema, que depois ser levantado pelos outros países, foi proposto no blog brasileiro quase simultaneamente à sua criação, pelo curador Aníbal Cristobo (curiosamente, um argentino). Tratava-se de uma pergunta: “o que você acha da situação da poesia no Brasil?” As respostas, tal como sempre ocorre com esse tipo de pergunta, foram múltiplas. Mas, nesse caso, os debates se articularam através de colocações

que, primordialmente, questionavam ou defendiam os critérios e a utilidade da própria construção dos blogs. Ou seja, a situação da poesia atual passou a ser interpretada, primeiro, não pelo que as poesias dizem, o que nelas está escrito, mas pela forma com que os poetas e suas produções se articulam. Assim, o blog apareceu como o objeto privilegiado da própria discussão por ele proposta; e a pergunta, sem ser respondida com dados da poesia emergente aparecida fora desse espaço virtual, foi abordada quase exclusivamente por grande parte dos debatedores com o próprio blog, assumindo tacitamente que o que ali se publicava/ antologizava era, mais ou menos fielmente, a poesia brasileira hoje.

No entanto, além desta questão, as posições no debate foram sintomáticas. Por um lado, algumas respostas repetiam o discurso da crise, nas suas diferentes facetas. Algumas afirmavam que em matéria de poesia não existe nada de novo sob o sol, re-atualizando desse modo os valores de inovação, experimentação e novo. Outras, mais radicais nessa mesma linha, respondiam com certo temor frente ao niilismo temático, à banalização, à recusa dos grandes da humanidade, à linguagem descuidada de boa parte da nova produção, re-atualizando, dessa vez, valores humanistas e românticos. Já outras, ainda de forma subsidiária ao discurso da crise, porém mudando seu signo como algo positivo, celebraram esse mesmo niilismo e banalização como um posicionamento crítico pela negativa por parte da nova poesia.

Sem nos deter na pertinência dessas definições apressadas dos traços estilísticos e temáticas comuns, o que interessa destacar é a associação que se produz entre a avaliação da “situação da poesia brasileira” e o discurso da crise. Como assinala Marcos Siscar em “As desilusões da crítica de poesia”, e desenvolve em outros textos, “a suspeita sobre o esgotamento das possibilidades do literário não é exclusiva de nosso tempo [...] o discurso da crise, ou seja, do descompasso entre a poesia e as grandes questões da realidade, é um fenômeno da modernidade [...]. Eu diria que a poesia moderna surge desse sentimento de crise, afirmando-se a partir da crise, como discurso da crise, ou seja, como sentimento do colapso de seu lugar” (SISCAR, 2006). O sintoma da crise, constitutivo, revela na sua percepção uma impossibilidade de definir a produção atual com traços definitivos. Pois, se uma definição é válida para algum ou alguns poetas, olhando outras partes da produção poderia se afirmar o contrário. O certo é que se produz muito, e não existe um discurso ou uma estética que possa ser chamada de dominante, podendo conviver, num mesmo espaço de publicação virtual ou físico – embora nem sempre de forma harmoniosa – os discursos em aparência mais díspares.

Frente a esse discurso apocalíptico da crise, Siscar assinala e contrapõe a idéia de cisma: “Pode-se reconhecer na poesia brasileira, nos seus melhores momentos, algo como uma cisma, uma hesitação desconfiada, uma atenção preocupada com relação àquilo que se apresenta como referência traumática ao passado imediato” (SISCAR, 2005, p. 47). Esta colocação de Siscar, anterior à aparição dos blogs, ecoa não apenas nas posições assumidas por vários dos participantes dos debates, constituindo uma posição que não mencionamos até agora, mas parece entrar em conjunção com um projeto mais geral de um setor mais ou menos consolidado do campo poético, que se articula nos blogs, de uma procura de um discurso anti-crise.

### **3 Os problemas de um conceito**

Explicuemos mais um pouco. Na entrada “*Concepto*” – que aparece no blog argentino e só se repete no uruguaio – Alejandro Méndez explicita a intenção que guiou a construção da antologia virtual:

*Hagamos el intento de armar nuestro propio mapa, nuestra constelación personal y dedicada, para admirar el brillo de la diferencia y el encanto de los enlaces inesperados. [...] Será un blog en permanente construcción colectiva. Una antología móvil y deforme, como un médano: sin límites, ni jerarquías, ni censura alguna. Base de datos on-line armada por los propios participantes. Toda exclusión está excluida. Es un sistema indeterminado de relaciones que fomenta el exceso de informaciones, poéticas y ficciones, críticas y confesiones. Se basa en una premisa: si buscamos una respuesta, aparecen demasiadas. No hay un sentido, un fundamento, una clave, una respuesta: hay demasiadas. Será un lugar de tránsito para atravesar en zig zag y contemplar con atención. Es un tejido de huellas que se teje a sí mismo y cuenta su historia inconclusa, una y otra vez (MENDEZ, 2006).<sup>6</sup>*

A longa citação permite ver com clareza as intenções de abertura e inclusão, nas quais se insiste através do uso da primeira pessoa plural, assumida por este único curador, por sua vez combinada com a apelação a uma segunda pessoa de um leitor cúmplice. Insiste-se, também, com a explicitação da procura de um espaço “móvel”, “sem limites”, “sem hierarquias”, “inconcluso”, de “trânsito”, de “permanente construção coletiva”, isto é, sem um único autor, senão, “demasiados”. Significados que fazem parte de um paradigma muito caro às novas estéticas e, ao mesmo tempo, ao pedido da crítica literária e cultural.

Estabelece-se, desde o curador e as primeiras vozes escolhidas, que depois ecoaram nos debates, uma frente que justamente terá como grandes inimigos: o fechamento, a categorização, a procura de etiquetas e o discurso da crise, em sentido negativo – recusa-se qualquer tipo de menção a uma pressuposta esterilidade da poesia atual. Como assinala Ronald Augusto, “seus interesses coincidem com suas crenças. E todos se acomodam muito bem às regras de eficiência e competência exigidas por esse sistema literário, representação especular, embora com suas singularidades, das malversações e imposições sócio-econômicas abrigadas sob o arco ideológico do livre mercado” (AUGUSTO, 2008). Como se aquela cisma celebrada por Siscar, aquela falta de grande projeto, fosse não apenas uma consequência, mas, a partir desse momento, alguma coisa a ser procurada com um novo e frágil projeto. A maioria dos poetas que participam, principalmente aqueles que de alguma forma estão perto da academia, como é o caso do próprio Siscar, se políam muito para não cair nesse discurso que ele bem assinala. E, na verdade, esse não cair no discurso da crise, não apontar situações degradadas do contemporâneo, para não delinear o desejo de re-fundação, marcados por Siscar (2006), passa a ser o novo estopim de debate. Quer dizer, se poderia constatar em muitos dos poetas antologizados e, principalmente, no modo de fazer a antologia, uma correspondência entre os interesses individuais, certos interesses da academia, e os do mercado literário poético que, evidentemente, tem regras muito diferentes das do mercado literário da prosa.

Dentro do blog, o problema se faz evidente, não apenas nas próprias limitações desses pedidos de descontinuidade, devir e significação em aberto, mas também quando parecem entrar em choque estas intenções, que procuram o não fechamento do significado e das escolas, com as contradições reais evidenciadas pela forma de construção da antologia.<sup>7</sup> Pois de certa forma, a pretensão de estabelecer um mapa deshierarquizado e inclusivo em vários aspectos se contradiz com os critérios que dão nome ao blog: o “afeto” e a “afinidade”.

De fato, o mais interessante da proposta parece radicar no sistema de montagem da “antologia”. Se a figura do curador se apaga, é porque se pede para cada poeta que mencione a outros poetas, aproximadamente cinco, com a única condição de que deve tratar-se de poetas vivos, abrindo o critério de escolha ao livre arbítrio de cada informante. De tal forma, o nome “escolhas afetivas”

não é uma condição imposta aos poetas para delimitar o grupo a nomear, não é uma prerrogativa, mas, estando no título, no mínimo etiqueta a forma como se realiza essa escolha. E, além disso, se superpõem linhas de força que delimitam o critério, que nem sempre convivem de forma harmônica: se, numa primeira instância, temos o “afeto”, não deixam de operar como critérios o estético ou o político, problematizando as diferenças que haveria entre cada uma dessas formas de escolha.

Esta tensão provocada pela própria idéia de “afeto” foi o elemento central característico das polêmicas. Assim, a pedra de toque da discussão passou a ser o próprio conceito que aglutina, o critério escolhido para a antologização. A inclusão de vozes diferentes e sem um posicionamento hierárquico foi o ponto mais celebrado, mas, depois, muito rapidamente, censurado pelos críticos do blog, como se essa pretensão de inclusão da diferença houvesse sido enclausurada pelo fato de levantar a idéia de “afeto”, como se o “afeto” fosse contrário à idéia de abertura perante o diferente, como se o “afeto” só se limitasse ao círculo do conhecido. E o “afeto”, assim como a “amizade”, foi entendido num sentido estrito, que levou a acusar a estes blogs/antologias de “endogâmicos”, como se deixa ver nas entradas mais iracundas dos foros de discussão.

Neles, os nomes de Carlito Azevedo, Ricardo Domeneck, Leonardo Martinelli, Marcos Siscar, Susana Scramim, além de Aníbal Cristobo, Heitor Ferraz, Manoel Ricardo de Lima e outros muitos anônimos e pseudônimos, que aparecem em outros lugares de debate, se cruzam para discutir a situação da poesia atual. Mas nesses cruzamentos se deixam ver as “afinidades afetivas” que os aqui já mencionados têm, através de abraços, cumprimentos e saudades particularizadas. No entanto cabe chamar a atenção para o fato de que, para além dos elogios entre eles, e certo destrato para com outros participantes, pouco amáveis por sua vez, houve também uma tentativa construída entre uns e outros de definir o que esses leitores e escritores almejavam que fosse a poesia atual, e não tanto definir o que ela é. Particularmente, as intervenções de Marcos Siscar permitem desenvolver diferentes posturas, dialogando com outros participantes e colocando tanto a definição quanto o programa, talvez pela sua dupla intervenção enquanto acadêmico e poeta.

Mas o certo é que o debate sobre a poesia atual adquiriu força no blog brasileiro no começo de 2008, com a aparição, no Brasil, da Revista *Modo de Usar & Co.*, e a reação do crítico Felipe Fortuna, ao receber o convite para o lançamento da revista. Ele escreveu um artigo, aparecido em 19 de janeiro no *Caderno Idéias & livros*, do *Jornal do Brasil*, depois enviado por e-mail a outros contatos – via pela qual chegou às mãos do próprio Aníbal Cristobo – e, finalmente, postado nos blogs.<sup>8</sup> O artigo fazia uma crítica tendenciosa e sarcástica sobre a nova revista. Em primeira instância, analisava o texto do convite como um editorial – que a revista faz questão de não ter –, como se ele pudesse dar uma idéia acabada da revista toda e, a partir dele, assinalava primordialmente uma questão: a endogamia da nova publicação. De um lado, Fortuna justificava a apreciação, assinalando que o comitê editorial era um desdobramento do comitê da tradicional revista de poesia *Inimigo Rumor* e, a partir daí, expandia a crítica ao “As escolhas afetivas”. Diz Fortuna:

Está no ar, por exemplo, o site “As Escolhas Afectivas”, organizado pelo poeta argentino-brasileiro Aníbal Cristobo – também presente na revista *Modo de Usar & Co.* Nele se criou um sistema de indicações pelo qual o poeta mencionado deve mencionar outros poetas, num círculo vicioso e de força centrípeta: é lá que Fabiano Calixto escolhe Ricardo Domeneck (que escolhe Marília Garcia e Angélica Freitas) e Marília Garcia (que escolhe Ricardo Domeneck), cujos afetos se expandem aos nomes dos demais colaboradores da revista [...]. Esse aspecto gregário, que repele a voz individual e se fundamenta na informalidade, seria apenas uma anotação sociológica se não apresentasse fundas repercussões na obra literária: em *Modo de Usar & Co.*, desdobra-se a cumplicidade não somente nas dedicatórias, mas também na falta geral de surpresa com a originalidade de um poeta. (FORTUNA, 2008)

O tom sarcástico, junto com a desinformação a respeito da genealogia dos blogs, e o juízo apressado quanto à revista, gerou respostas iracundas que desarmaram a já frágil argumentação do crítico. “*Hablar del círculo vicioso y de fuerzas centrípetas de un blog que debe andar por los 150 poetas sin ser subvencionado es suponer que el pequeño grupo de amigos no es tan pequeño; o que tu lectura es tendenciosa*” diz Aníbal Cristobo em uma das respostas colocadas no blog sob o título: “Cartas de amor. Crítica brasileira limitada”, série de correspondências eletrônicas trocadas entre Felipe Fortuna e o próprio Aníbal que, depois de ter permanecido alguns meses no ar, foram finalmente tiradas da publicação.

Outra resposta a Fortuna, que aparecera no blog da *Modo de Usar & Co.*, foi dada por Ricardo Domeneck, um dos editores da revista. O texto acusa de “hegemônico” a quem acusara o blog e a revista de “endogâmicos”, caindo num movimento maniqueista que, em lugar de discutir a pertinência crítica da intervenção de Fortuna, reduz-se a uma adjetivação não muito justificada do que seria o caráter hegemônico, canônico das idéias do crítico. Domeneck não consegue problematizar as idéias de endogamia, de citação amical, de afeto e das relações interpessoais como os conceitos complexos que eles são; limitando-se a traçar uma genealogia de outros grupos poéticos que também a praticavam, como os dadaístas e a escola de New York, etc. Se as cartas de Aníbal parecem ter um tom mais belicoso e não entram em explicações teóricas ou programáticas, supõem, no entanto, uma avaliação do afetivo como um conceito complexo e, inclusive, por vezes contrário a um sentido cândido e bem intencionado. Diz o último e-mail enviado a Fortuna:

Por supuesto que son cartas de amor: del amor que uno tiene o debería tener por aquello que hace, y por lo que otros hacen y uno tiene el gusto de comentar, como forma de aporte, de buscar complementar el trabajo de otro, no creés?  
Bueno, no. Seguramente que no creés eso.  
*Yo creo que el asunto no es únicamente de interés para el blog: lo reproduzco en ese espacio porque es lo que está a mi alcance, claro. Pero creo que la irresponsabilidad y arrogancia con la que un crítico es capaz de tratar la producción ajena es algo sobre lo que vale la pena reflexiona.*  
(CRISTOBO, 2008).

A discussão da endogamia, então, se, de um lado, mostrou que a colocação de Fortuna era apressada, por outro, deixou ver com mais clareza que no blog, na revista *Inimigo Rumor*, na revista *Modo de usar & Co.*, e em vários outros espaços se articula um grupo de poetas e produtores, com certa homogeneidade em matéria de ideologia poética. Esse grupo, com díspares tons reativos e, inclusive, com seu silêncio, formou uma espécie de frente, que defendeu a importância do blog, explicou e explicitou a idéia de afeto de forma complexa, demonstrou a heterogeneidade nas poéticas publicadas, e mantém um discurso anti-crise a respeito da situação da poesia brasileira hoje. Discurso que se opõe ao que Felipe Fortuna ainda exemplifica com seu texto, onde faz um chamado à recuperação da qualidade literária, à reivindicação das vozes individuais por sobre os grupos, à originalidade poética. Atitude que é obliquamente assinalada e criticada por Cristobo: “*lo opuesto a los poetas que mencionan a otros; serán los poetas que se mencionan a sí mismos?*” (CRISTOBO, 2008).

No entanto, de uma forma ou outra, esta posição de muitos dos críticos deixa ver uma certa hegemonia de um discurso anti-crise, nem por isso ufanista ou ingenuamente otimista, nessa frente que assinalávamos. Assim, a cumplicidade tão criticada por Felipe Fortuna se verifica, não como a endogamia que ele coloca, mas como um tipo de projeto que tenta enxergar as próprias limitações, ao mesmo tempo que mostra a vontade de construir um projeto comunitário.

## 4 Bolas de neve

Assim, o problema da endogamia, o acusado fechamento dos grupos de poetas, parece ser não tanto algo evidenciado por estas antologias virtuais na escolha dos poetas que participam, mas uma leitura equívoca e tendenciosa, embora plausível, feita apenas a partir de dados externos ao blog e às poesias, assim como dos grupos desenhados nos debates.

Mas para tentar definir a verdadeira abrangência da força endogâmica ou amical na construção do blog, seria interessante percorrer as semelhanças e diferenças na organização destes blogs em relação ao modelo original de antologização, de onde Alejandro Méndez tomou a idéia: o sítio *Bola de nieve*, hospedado pela página da revista de arte argentina *Ramona*, elucubrado pelo artista e sociólogo Roberto Jacoby.<sup>9</sup> Em *Bola de Nieve*, o sistema de escolha é o mesmo que marca as curadorias de poetas: um artista escolhe outros, que escolherão outros por sua vez. Assim, a *Bola de Nieve* é um mapa ou uma antologia aberta, em permanente construção, dos artistas visuais que estão produzindo hoje na Argentina.

Visualmente tem muitas semelhanças com o mapa astral cartografado por constelações cujos pontos se unem com linhas imaginárias e assinalam uma relação a ser interpretada. Trata-se de uma imensa nuvem de nomes, na qual, ao se passar o ponteiro do mouse, um avança ao primeiro plano, e os nomes dos artistas que essa pessoa tiver mencionado aparecem unidos por linhas, e também adquirem relevância na imagem. Dessa forma, a rede não pode ser visualizada ao mesmo tempo, mais revela as relações em forma não hierarquizada, ou melhor, com hierarquias momentâneas. O artista mais importante é aquele que escolhemos num momento específico.

Mas esse não é um dado menor. Ao propor o sistema de antologização por indicação – sem ser assim nomeada, também era afetiva – seus criadores achavam que o mapa resultante mostraria as particularidades do campo das artes plásticas argentinas e, em decorrência, previram uma distribuição desigual por grupos e escolas. No entanto, Leonardo Salas, um dos encarregados de realizar a diagramação do *design* e de postar as informações, escreve um texto que também se encontra no site, “*Sobre la visualización dinámica de la bola de nieve*”, e nele assinala a descoberta que a visualização proporcionou:

*Creíamos que la red iba a mostrar con claridad las brechas estéticas, geográficas o generacionales que atraviesan a la producción artística en Argentina. Pero no fue así. En lugar de eso nos encontramos con una red ‘embrollada’, sumamente interconectada, donde la aparición de grupos relativamente aislados es escasa y débil. Observamos el surgimiento de un grupo reducido de nodos ‘centrales’, fuertemente conectados [...] Aquí hay lugar para muchas consideraciones sobre, por ejemplo, la ambigüedad del concepto de ‘artista preferido’, y la diferencia de intención entre los que mencionan a sus amigos y los que eligen a referentes ya establecidos y validados. Pero, desde un punto de vista puramente formal, nos encontramos con una topología típica de casi todas las redes humanas. No debería habernos sorprendido[...] (SALAS, 2008).*

Esperavam-se grupos e nodos, artistas fortemente unidos entre si e separados dos outros. Esperava-se endogamia. Não foi assim. Mas foram a forma de visualização, a organização e a realização do site que revelaram os limites de um pré-conceito que funcionava – ou poderia ter funcionado – como ferramenta na hora de analisar o campo. Então, se a visualização foi a que permitiu abalar esse pré-conceito no site de *Ramona*, no caso dos blogs de poetas a diferença visual deixou aflorar uma série de equívocos. Na verdade, como diz o próprio Alejandro Méndez numa entrevista, a idéia primeira era realizar um projeto similar, mas como não dispunha de dinheiro descartou a realização de uma página web e pesquisou as possibilidades de concretizar o mesmo projeto num blog.<sup>10</sup> Isso não constituiria *a priori* um problema, nem seria motivo para assinalar a antologia como endogâmica.



No entanto, o mapa deshierarquizado, de certa forma, virou uma mera listagem alfabética, que não permite contestar nem matizar a acusação do pré-conceito a respeito do fechamento dos grupos, nem aportam novos dados sobre a organização do campo de modo mais geral.

Para além desse descompasso na visualização, se for possível arriscar, à luz de *Bola de Nieve*, que o campo das artes argentinas não se constrói de forma endogâmica, presumivelmente o mesmo aconteceria nas curadorias de poetas. Mas isso não esgota o problema, ainda existem algumas limitações do próprio método sociológico de amostragem, do que Roberto Jacoby tomara a idéia para realizar o projeto, que é necessário destacar.

Embora a discussão seja sobre a amostragem, “*en lo que estamos siempre interesados no es en la muestra sino en la población*” (ARCHENTI et al, 2007, p. 52), na forma de enxergar-la. A partir daí, o pesquisador escolhera o método que considere mais pertinente. Ou seja, no caso destas antologizações o que se procura “observar” é a atual poesia, e a adequação do método de amostragem das escolhas afetivas é o que entrou em discussão.

A forma de amostragem conhecida também como “*bola de nieve*” – ou, em inglês, “*Snow Sampling*” – consiste em entrevistar membros de um grupo ou comunidade, pedindo, por sua vez, que indiquem os nomes de outros indivíduos que também fariam parte. Este sistema é uma ferramenta “pouco representativa” da comunidade a ser analisada, pelo fato de privilegiar o dado qualitativo da amostra e não o quantitativo. Porém, entende-se que um fato ou dado pode ser pertinente para dar conta de um certo conjunto de relações dentro de um sistema social e permite abordar o problema segundo critérios de escolha designados pelo pesquisador em relação aos sujeitos que participarão como informantes. Como resultado da pesquisa não se obtém uma “amostra probabilística” nem “representativa”, mas uma “amostra significativa” da população a trabalhar.<sup>11</sup>

No campo da sociologia, este tipo de método é criticado pela subjetividade do critério, apenas definido pelo pesquisador, como uma falha do sistema. No entanto, e sendo que qualquer critério comporta uma forma predeterminada de escolha, os defensores do sistema colocam em evidência que a subjetividade da escolha, ao ser explicitada, pode ser útil para o melhor conhecimento do campo abordado. Desse modo, se faz necessário ler as sutilezas, as forças em jogo, os discursos e interesses de cada um dos atores e não procurar, em um impulso maniqueísta, a objetividade ou um critério universalmente válido, faz muito tempo perdidos.

Dois pontos a destacar: se, por um lado, o sistema de amostragem privilegia o olhar sobre a rede – que, no caso do site *Bola de Nieve*, se concluía que ser rede embrulhada e não hierárquica –; por outro, para o método tem particular relevância, além do critério de escolha, o “primeiro informante”. Porque esse primeiro indivíduo, partindo de seus próprios critérios, vai ser quem inicia a construção da rede, definindo sua parcialidade primeira, embora não dependa dele seu desenvolvimento. Nesse sentido, Alejandro Méndez, na explicação do “*Concepto*” do blog, diz: “*Por algún lado hay que empezar, así que empezaré yo mencionando a aquellos poetas que admiro.*” Aqui, a escolha afetiva ou afinidade eletiva particular, de Méndez, se define pela “admiração” pelos poetas e, presumivelmente, pela poesia que eles escrevem. No entanto essa admiração embora explícita não está explicada, obrigando o leitor que percorre a rede a tentar definir as relações entre a “escolha afetiva” e a “admiração”. Um pouco diferente é o exemplo do caso brasileiro: embora o curador Aníbal Cristobo não participe como poeta, foi ele quem escolheu como primeiros informantes a Manoel Ricardo de Lima, Armando Freitas Filho, e Lu Menezes, em paralelo: poetas não antitéticos, mas claramente diferentes em idade, gênero, fatura poética e afinidades amistosas. A tentativa parece, além de ser uma escolha complexamente afetiva de Aníbal, traduzir uma vontade de ter mais de um começo para a rede/bola de neve, ou mesmo a vontade de ter várias, as quais, no decorrer das indicações, mostraram que as pegadas podem se tocar e misturar.

## 5 Sutilezas do afeto

Mas voltemos ao critério de escolha em relação à vontade de não hierarquização.

Outro dos pontos problemáticos, portanto, no trânsito do conceito entre o site *Bola de Nieve* e *Las elecciones afectivas/ las afinidades electivas* e seus sucessores, está na mudança de nome. De uma forma de amostragem – “bola de neve” – se passa a evidenciar o critério de escolha – “afeto” e “afinidade”. Que conseqüências essa mudança pode trazer? Várias e, aliás, diferentes em Argentina e Brasil, embora as duas com uma vontade de definir um outro “afeto”, mais complexo.

Na Argentina, Alejandro Méndez escolhe manter um nome duplo – “*elecciones afectivas / afinidades electivas*” –, problematizando assim os termos, mas a explicitação dessa tentativa só chegou em debates posteriores nos foros de discussão. Neles, Cristian De Nápoli<sup>12</sup> – que, na verdade, utiliza pseudônimo, mas deixa pistas suficientes para revelar sua identidade – critica o sistema de escolhas, tanto a “bola de neve”, quanto o critério afetivo.

*el problema no pasa por quién es realmente y quién no es poeta. la bola de nieve aplana, es lo que vemos en los dibujitos, y está todo bien. el tema es cómo horizontalizar. mendez tendría que haber sido un estado, o poner mucha plata. invertir, y borrar huellas. porque las huellas del afecto hay que borrarlas. una bola de nieve posta borra las huellas...(DE NÁPOLI, 2008).*

Parte da longa resposta de Alejandro Méndez foi:

*10- No comparto en absoluto esta visión; por el contrario me encanta que se noten las huellas del afecto, que queden las manchas de la mano, que se vislumbre la ideología, que queden las marcas (...)* 12- *Una última cuestión respecto al afecto. Al momento de pensar en el nombre de este blog “Las afinidades electivas/ Las elecciones afectivas”; más allá del juego de palabras, decidí incluir la cuestión afectiva porque estoy convencido que es parte indisoluble de cualquier tipo de elección (obviamente no es la razón principal ni el eje sobre el cual debiera efectuarse una intervención crítica). Pero no se trata únicamente del afecto, entendido como ternura o como amistad, sino más bien como los abogados lo utilizan para referirse a las sociedades anónimas “afecto societatis”; es decir que entre los socios exista una verdadera intención de estar reunidos en sociedad (MÉNDEZ, 2008).*

No Brasil, se em aparência Aníbal Cristobo determina a questão por um único lado, o do afeto como primeira instância deixando apenas um nome, “As escolhas afetivas”, introduz uma significativa torção: não são “escolhas afetivas” como seria a tradução literal de “*elecciones afectivas*”, mas “afetivas”. O que em princípio pode parecer um erro – talvez, inclusive, surgisse mesmo de um erro – deriva no estranhamento. O estranhamento abre diferentes sentidos. E um dos primeiros que se evidenciam é o que vem do verbo “afetar”: são escolhas que afetam, que geram conseqüências emocionais. Mas a palavra transita além do espanhol e da nacionalidade de Aníbal, e coloca novamente a pergunta pelo campo literário e a sua configuração em relação ao afeto, misturando a situação particular e transitiva de Aníbal Cristobo com as relações afetivas que se colocam em jogo sempre. Como entender, então, que um argentino seja o organizador de um site que coloca a condição de brasileiro como um dos pontos da própria organização? Como entender que esse lugar seja nomeado com uma palavra em espanhol? Que tipo de trânsito foi necessário para que a poesia brasileira o admitisse, sem levantar nenhum tipo de chamada nacional ou de atenção? Que contatos afetivos foram necessários?

O “dever” de apagar suas pegadas, que colocava De Nápoli, para não correr o risco da tão temida endogamia, bate, novamente, com a existência inelutável delas, principalmente falando de

campos poéticos, artísticos, culturais. A tradição, as leituras, o roteiro afetivo, existem mesmo no ato de negá-los. A memória, lacunar e precária, existe e está marcada pelo “afeto”. A aceitação da pegada, seja ela a tradição poética, seja a influência dos contemporâneos - Méndez propõe mudar a idéia de Harold Bloom de “angústia das influências pela “delícia das influências” – parece ser outra das características de muitos destes poetas, e um dos pontos fortes dos debates.

Como seriam as relações afetivas na poesia, no trabalho com a poesia e com os poetas? Como seria o trabalho com a tradição, e com as leituras dos contemporâneos que formam uma tradição ainda mais instável? O que fazer então com este problemático “afeto”? Assim desenhado, pensando tanto na vontade de estar em sociedade assinalada por Méndez, quanto nas nuances do verbo afetar sugeridas por Cristobo, o “afeto” poderia ser uma outra forma de nomear aquilo que Jean François Lyotard levanta ao pensar na idéia de reescrita e perlaboração:

*Al rememorarse, uno aún quiere demasiado. Quiere apoderarse del pasado, atrapar lo ido, dominar, exhibir el crimen inicial, el crimen de origen, perdido, manifestarlo en cuanto tal como si se lo pudiera desembarazar de su contexto afectivo, de las connotaciones de falta, vergüenza, orgullo, angustia [...]. A diferencia de la rememoración, la perlaboración se definiría como un trabajo sin fin y por lo tanto sin voluntad, sin fin en el sentido que no lo guía el concepto de una meta, pero no sin finalidad. En ese gesto hacia el antes y el después, donde reside sin duda la concepción más pertinente que podemos tener de la reescritura [...]. La regla dice, en suma: no prejuizar, suspender el juicio, acoger, prestar la misma atención a todo lo que sucede y cómo sucede (LYOTARD, 1998, p. 38-39).*

## 6 Os leitores do mapa

No último número da revista argentina *Punto de Vista*, dirigida por Beatriz Sarlo, apareceu um artigo da crítica e poeta Ana Porrúa chamado “*Poesía argentina en la red*” (2008). Ali, Porrúa percorre alguns blogs, revistas virtuais e outras em papel para tentar uma definição preliminar da produção poética atual argentina. Pensando em *Las elecciones afectivas*, Porrúa chama a atenção sobre uma possível diferença entre o “afeto” e a “afinidade”, e as características particulares de um mapa que se desenha com essa tinta:

*No es el mapa de la poesía argentina contemporánea, ciertamente, porque pensar esto sería creer que la red funciona a la perfección (es decir, que todos los mencionados aceptan participar); tampoco es una antología de autor, guiada por un criterio estético concreto. Los mencionados por cada poeta justifican el doble nombre “elecciones afectivas”, “afinidades electivas”; y queda por ver dónde está puesto el peso de la elección, si en el afecto o en la afinidad (que es, de hecho, una noción más compleja con la que podrían pensarse campos poéticos más o menos homogéneos) (PORRÚA, 2008).*

Retomando as colocações feitas até aqui, vemos que novamente a acusação de endogamia que se colocara nos debates, segundo a qual o afeto como critério de escolha não faria mais do que gerar um campo poético constituído por amigos, parece limitada. Mas também, como acrescenta Porrúa (2008), “*el error, en todo caso, es leer este proyecto solamente como un proyecto literario, cuando desde sus bases aclara que el método está tomado de la sociología*” (2008). Assim, uma concepção restrita do “afeto”, por sua vez aplicada como critério literário, dá lugar a uma discussão também restrita, que contrapõe e compara o grupo de amigos a um projeto bastante mais ambicioso.

Parece ser mais produtiva e pertinente uma pergunta sobre que comunidade se apresenta nessas antologias ou, sendo mais abrangentes, que tipo de comunidade é possível – com seus dentro, seus

foras, e suas margens, é claro, não uma idéia ingênua de comunidade – se o laço comunitário é afetivo. Em lugar de assinalar negativamente a amizade e o afeto entre os organizadores e participantes, deveríamos perguntar que significado tem essa insistência no “afeto”.

Se o afeto assim entendido não desenha um clube de amigos, que comunidade torna possível? A primeira vista se reivindica uma identidade nacional, ela logo se revela porosa. Nos nossos exemplos, se evidencia nos trânsitos entre Brasil e Argentina, propiciados por vários poetas, pelas leituras mútuas, pelos projetos e festivais conjuntos, pela vontade de que essa comunidade seja multinacional. E esses trânsitos propiciam articulação de comunidades, desenhos políticos, amizades políticas e afetivas, uma louca geografia composta por argentinos que moraram no Brasil e estão na Espanha, gaúchos que moram em cidades da Argentina, paulistas que moram na Alemanha, e outra série de combinatórias que incluso mostra moradores do lugar natal, como assinala Carlito Azevedo em um dos comentários ao debate com Felipe Fortuna.

Mas essa louca geografia, esses trânsitos, essa procura por olhares que definam seus próprios percursos afetivos é estimulada reciprocamente com o suporte. Como analisa José Luis Brea em *El tercer umbral. Estatuto de las prácticas artísticas en la era del capitalismo cultural*:

*La red vendría a reforzar nuestras posibilidades de articular formas versátiles y provisionarias de comunidad [...] En ese nuevo ‘espacio relacional’, boradado, constituido no tanto en sus nodos como en los intersticios que los distancian, la red aparecería entonces como el potencial (no)lugar idóneo para la renovada comparecencia de aquella que Bataille describía como “la comunidad imposible”: la eternamente retornante “comunidad de los que no tienen comunidad”. Una ‘comunidad’ para la que seguramente no habría ya más “sujetos” o individuos – sino el mero circular fugaz de meros efectos transitivos de identidad inscritos en la experiencia compartida de su propia ‘incompletud’ (BREA, 2004, p. 116).*

Faltaria ainda ler sobre essas comunidades possíveis, mas a afirmação de Brea parece idealista a respeito da internet, porque não consegue articular, nesses projetos de comunidade provisória, a nostalgia do sujeito, da idéia de nação, da idéia de identidade acabada, verificada nos interstícios do discurso da crise, que perdura, tal como vimos através de Marcos Siscar. No entanto, ainda assim, se definem três características para/na rede, para a arte em rede, para os coletivos de arte, para essas comunidades impossíveis. Características que entram em permanente tensão: a rede dá a possibilidade de criar uma comunidade transitória; nela se alimenta a esperança de recuperar o sujeito volitivo através da apelação ao traçado de percursos individuais; e, finalmente, a rede mostra as próprias limitações, pois se todo admite também todo pode ser excluído.

Poderíamos dizer, então, que estes blogs funcionam, sim, como mapas deshierarchicalizados e progressivamente inclusivos onde os poetas mais díspares podem adquirir visibilidade. Embora sempre correm o risco de que, sendo deshierarchicalizados, já não falem muito sobre a poesia, sem conseguir distinguir as linhas que permitiriam diferenciar um mapa físico de um político. Ou como se, ultrapassado por seu próprio tamanho, acabasse por não ter nenhum tipo de utilidade, como o inútil mapa do império chinês do tamanho do império chinês imaginado por Borges. Como se a deshierarchicalização tendesse a uma indiferenciação ou a uma leitura cega, que não produz sistemas interpretativos. Dependerá, então, de quem percorra a rede e trace seu próprio percurso afetivo, o desenho dessas linhas políticas. Tal como dizia Méndez: “*Será un lugar de tránsito para atravesar en zig zag y ‘contemplar con atención’*” (MENDEZ). A responsabilidade recai, novamente, no leitor, no navegante da internet, no percurso que ele escolha nesse magma, para recuperar, naquilo que poderia ser indecível, a potência política da escolha.

## ABSTRACT

Based on the analysis of diverse debates raised in blog discussion forums that attempt an anthology of contemporary poetry – such as “As escolhas afetivas - Affectional choices” – this article investigates affection as a criteria for the choice and organization of a cultural field and a possible new community, and reviews the tensions between the concept of affection and other esthetical or cultural criteria, such as those of inclusion and acceptance of differences.

**Keywords:** Poetry. Blog. Affection. Endogamy. Community.

## Notas explicativas

\* Doutoranda pela Universidade Federal Fluminense.

\*\* Professora da Universidade Federal Fluminense.

- 1 O conceito de campo é utilizado por Pierre Bourdieu em toda a sua obra para analisar a forma em que se organiza a sociedade, e é retomado, entre outros, por Martin Jay em seu livro *Campos de fuerza* (2003). Aqui tomamos o conceito de uma forma mais geral, sem entrar nos debates que não serão desenvolvidos aqui por questões de extensão.
- 2 Cf, entre outros, de Georges Bataille, *La conjuración sagrada* (Buenos Aires, Adriana Hidalgo, 2005), antologia de textos aparecida na Argentina; de Maurice Blanchot se editaram em espanhol, *La amistad* (Madrid, Trotta, 2007) e *La comunidad inconfesable* (Madrid, Arena, 1999); de Jacques Derrida podem se achar diversos artigos e entrevistas em <http://www.jacquesderrida.com.ar/>; de Jean-Luc Nancy, podemos mencionar *La comunidad desobrada* (Madrid, Arena, 1999).
- 3 Embora cada país tenha seu próprio blog, cada um deles coloca o link que direciona até os outros países. A lista completa até o dia 05/10/2008 é: [www.laseleccionesafectivas.blogspot.com](http://www.laseleccionesafectivas.blogspot.com), Argentina; [www.ascolhasafectivas.blogspot.com](http://www.ascolhasafectivas.blogspot.com), Brasil; [www.urbanotopia.blogspot.com](http://www.urbanotopia.blogspot.com), Peru; [www.lasafinidadeselectivas.blogspot.com](http://www.lasafinidadeselectivas.blogspot.com), Espanha; [www.laseleccionesafectivasmexico.blogspot.com](http://www.laseleccionesafectivasmexico.blogspot.com), México; [www.laseleccionesafectivashile.blogspot.com](http://www.laseleccionesafectivashile.blogspot.com), Chile; [www.afinidadesafectivasingia.blogspot.com](http://www.afinidadesafectivasingia.blogspot.com), Itália; [www.laseleccionesafectivasureuguay.blogspot.com](http://www.laseleccionesafectivasureuguay.blogspot.com), Uruguai; [www.laseleccionesafectivasbolivia.blogspot.com](http://www.laseleccionesafectivasbolivia.blogspot.com), Bolívia; [www.laseleccionesafectivascalombia.blogspot.com](http://www.laseleccionesafectivascalombia.blogspot.com), Colômbia; [www.afinidadeselectivascr.blogspot.com](http://www.afinidadeselectivascr.blogspot.com), Costa Rica; [www.laseleccionesafectivasecuador.blogspot.com](http://www.laseleccionesafectivasecuador.blogspot.com), Equador; [www.afinidadespanama.blogspot.com](http://www.afinidadespanama.blogspot.com), Panamá.
- 4 Alejandro Méndez (Argentina, 1965). Integrou o grupo poético: Academia Medrano com Pablo Pérez, Ernesto Montequin, Rafael Cippolini, y Nicolás Gelormini. Publicou *Variaciones Goldberg* (Buenos Aires: Ediciones del dock, 2003); *Tsunami* (México: Crunch editores, 2005); *Medley* (Barcelona: Suscripción/Larga distancia, 2006); *Chicos indigo* (Buenos Aires: Bajo la luna, 2007). Tem seu próprio blog: <http://www.chicosindigo.blogspot.com/>
- 5 Este formato de apresentação de cada poeta tem um precursor em papel na Argentina: *Monstruos. Antología de la joven poesía argentina* (Arturo Carrera org), Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica, 2001; e também *Antología de la poesía joven chilena* (Francisco Véjar org.), Santiago de Chile: Editorial Universitaria, 2003 (2ªed).
- 6 MENDEZ, Alejandro. <http://laseleccionesafectivas.blogspot.com/2006/06/123largamos.html>.
- 7 Cf. Roberto Jacoby, “Los colectivos hacen sufrir” (s.f.).
- 8 [http://revistamododeusar.blogspot.com/2008\\_01\\_01\\_archive.html](http://revistamododeusar.blogspot.com/2008_01_01_archive.html).
- 9 Em <http://boladenieve.org.ar/>
- 10 Cf. <http://cantosdelalcantarilla.blogspot.com/2007/08/el-enigma-inmvil-alejandro-mndez-y-las.html>
- 11 Cf. Nélica Archenti, J.I.Piovani e Alberto Marradi. *Metodología de las Ciencias Sociales*, 2007
- 12 Cristian de Nápoli (Argentina). Poeta, escreve em diferentes revistas de poesia e cultura de Buenos Aires. É o principal organizador de “Salida al Mar. Festival Latinoamericano de Poesía de Buenos y Rosario”. No festival bienal é de destacar a presença de poetas brasileiros, vários deles, mas não apenas, do grupo de poetas “endogâmicos” de Felipe Fortuna: Carlito Azevedo, Marília Garcia, Angélica Freitas. Cf. <http://salidaalmar.wordpress.com/>.

## Referências

- AUGUSTO, Ronald. Revistas literárias e seus tarados protetores. Disponível em: <http://sibila.com.br/batepro133revistas.html>. Acesso em: 6 out. 2008.
- ARCHENTI, Néida; PIOVANI, J.I.; MARRADI, Alberto. *Metodologia de las Ciencias Sociales*. Buenos Aires: EMECE, 2007.
- BATAILLE, Georges. *La conjuración sagrada*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2005.
- BOURDIEU, Pierre. *As regras da arte: gênese e estrutura do campo literário* (trad. Maria Lucia Machado). São Paulo: Companhia das letras, 1992.
- BREA, José Luis. Globalización y hermandad – repensando lo común. *El tercer umbral. Estatuto de las prácticas artísticas en la era del capitalismo cultural*. Murcia: CENDEAC, 2004
- CARRERA, Arturo (Org.). *Monstruos. Antología de la joven poesía argentina*. Buenos Aires: F.C.E/ICI, 2001.
- CRISTOBO, Aníbal. Cartas de amor : critica brasileira limitada. Disponível em: [www.asescolhasafectivas.blogspot.com](http://www.asescolhasafectivas.blogspot.com). Acesso em: 20 fev. 2008.
- DOMENECK, Ricardo. De figurinos possíveis em um cenário em construção. *Modo de Usar & co.*, Rio de Janeiro, v. 1, n 1, separata, 2008.
- JACOBY, Roberto. Los colectivos hacen sufrir. Contradicciones íntimas de la amistad en el arte (Conferencia en Periférica. Arte de Base). Disponível em: <http://www.teoriasdelaamistad.com.ar/pagina5/Units.html>. Acesso em: 6 out. 2008.
- LYOTARD, Jean-François. “Reescribir la modernidad”. In: *Lo inhumano. Charlas sobre el tiempo*. Buenos Aires: Manantial, 1998.
- MENDEZ, Alejandro. Concepto. Disponível em: <http://laseleccionesafectivas.blogspot.com/2006/06/123largamos.html>. Acesso em: 6 out. 2008
- PORRÚA, Ana. Poesía argentina en la red, Disponível em: [www.lasesleccionesafectivas.com](http://www.lasesleccionesafectivas.com) Acesso em: 6 out. 2008
- SALAS, Leonardo. Sobre la visualización dinámica de la bola de nieve. Disponível: [http://boladenieve.org.ar/sobre\\_la\\_red](http://boladenieve.org.ar/sobre_la_red) Acesso em: 6 out. 2008
- SISCAR, Marcos. A cisma da poesia brasileira. In: *Sibila*, Rio de Janeiro, dezembro, 2005.
- \_\_\_\_\_. As desilusões da crítica de poesia. In: Congresso Internacional da ABRALIC, 10., 2006. *Anais...* Disponível em: <http://www.abralic.org.br>, 2006. Acesso em: 6 out. 2008.